

DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/wrne9v83>

## RECONSIDERAÇÕES SOBRE O BELO NA DISCIPLINA DE ARTE: visões e vozes das juventudes contemporâneas

## RECONSIDERATIONS ABOUT BEAUTY IN THE ART SUBJECT: visions and voices of contemporary youth

Sabrina Esmeris<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo aborda um trabalho apresentado em outubro de 2023 no 6º Congresso Internacional e 9º Congresso Nacional de Educação do Instituto Ivoti, no âmbito do GT 2. Cultura, Identidade, Currículo e Saberes. Trata-se de um recorte de minha dissertação de mestrado, que tem como objetivo principal reconsiderar a presença do conceito de belo na escola por meio de um olhar atualizado. Para este trabalho, faz-se uma seleção e rearticulação de dados oriundos do estudo anterior com a intenção de dar maior atenção a um determinado momento da etapa prática da dissertação, nesse caso, as observações realizadas nas escolas na data em que os questionários elaborados para a pesquisa foram aplicados. As informações abordadas originam-se das turmas de 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio de três escolas da região metropolitana de Porto Alegre. Olha-se, então, para os movimentos de quem está na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio e de jovens que estão na última etapa da Educação Básica. Desse modo, são percepções de um único dia para cada espaço visitado, porém atentas e significativas para complementar a leitura dos dados coletados durante a investigação. É como se os bastidores de um trabalho fossem revelados para contextualizar os resultados objetivos, trazendo subjetividade. Os retornos obtidos a partir da análise da etapa prática apontam que o belo tem muito a contribuir para a disciplina de arte, mas também pode vir a ser problematizado quando este se revela constituído nos modelos ultrapassados.

**Palavras-chave:** Arte. Belo. Cultura. Disciplina de arte. Educação.

**Abstract:** This article addresses a paper presented in October 2023 at the 6th International Congress and 9th National Education Congress of the Instituto Ivoti, within the scope of GT 2. Culture, Identity, Curriculum, and Knowledge. It is an excerpt from my master's thesis, which primarily aims to reconsider the presence of the concept of beauty in schools through an updated perspective. For this work, data from the previous study is selected and rearticulated to focus more on a specific moment of the practical phase of the dissertation, in this case, the observations made in schools on the date when the questionnaires designed for the research were administered. The information addressed comes from 9th-grade

---

<sup>1</sup> Mestra em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Bacharela em Artes Visuais pela Universidade Feevale. E-mail: [sabrinaesmeris@gmail.com](mailto:sabrinaesmeris@gmail.com)

Elementary school and 12th-grade high school classes in three schools in the metropolitan region of Porto Alegre. The focus is on the transitions from elementary to high school and young people in the final stage of basic education. These are perceptions from a single day for each visited space, yet they are attentive and significant in complementing the reading of the data collected during the investigation. It is as if the behind-the-scenes work is revealed to contextualize the objective results, bringing subjectivity. The feedback obtained from the analysis of the practical phase indicates that beauty has much to contribute to the art discipline. Still, it can also be problematized when it is constituted in outdated models.

**Keywords:** Art. Beauty. Culture. Art discipline. Education.

## 1 INTRODUÇÃO

A dissertação de mestrado que origina o presente artigo intitula-se *O belo na disciplina de arte, para quê? Sobre cultura, arte e educação* e parte do seguinte problema de pesquisa: É possível, a partir de uma reflexão crítica, problematizar conceitos obsoletos que ainda sobrevivem no contexto escolar? As hipóteses iniciais apontam que, no senso comum e na disciplina de arte da Educação Básica, a concepção de arte ainda carrega valores gregos e renascentistas, ou seja, uma ideia pautada na representação do real e na expressão da beleza. Em menor grau, alunos e professores trabalham em diálogo com a visão contemporânea tanto de arte quanto de educação, por meio da qual é possível ressignificar e/ou ultrapassar as noções de belo e feio relacionadas à arte. Desse modo, o trabalho se desenvolve com o objetivo de ampliar o conceito de arte, o que consequentemente também afeta as percepções em relação à disciplina de arte. Nesse processo, olha-se para as visões dos alunos e, ao mesmo tempo, para construções culturais no decorrer da história ocidental, a fim de verificar possíveis relações entre o que se pensa hoje acerca da arte e contextos históricos que marcam a elaboração do conceito. Ainda, faz-se necessária uma discussão sobre a concepção em pauta a partir de diferentes pontos de vista, que podem se opor, somar ou complementar, contando com a participação de

referenciais teóricos que se preocupam com a discussão. Outro objetivo da pesquisa é um estudo que aproxima e articula o âmbito da arte e da educação para encontrar pontos cruciais que instiguem reflexões necessárias para o desenvolvimento de propostas que atendam às demandas da disciplina de arte no contexto atual. Por fim, analisam-se as respostas contidas nos questionários elaborados para alunos de escolas da região metropolitana de Porto Alegre. Estes documentos foram construídos a partir da hipótese inicial, a qual aponta que nas escolas circulam concepções que veem a arte como sinônimo de belo. As análises dos questionários são importantes, pois revelam novos dados, problemas e considerações. Assim, o trabalho justifica-se por apontar para novas direções no que diz respeito ao ensino de arte, pois entende-se que, para que as visões em torno da arte possam se alargar, é necessário um trabalho em diversas áreas, inclusive na da educação. Desse modo, considera-se que a escola é um espaço em que pode ser estimulado um esforço diante da cultura para apontar que a arte é um universo amplo e que faz parte, inclusive, do âmbito dos processos e manifestações culturais.

## 2 OBSERVAÇÕES DAS ESCOLAS A, B E C

Apesar das informações abordadas na introdução não estarem presentes em sua totalidade neste trabalho, considera-

se importante mencionar tais questões para contextualizar a origem do recorte desenvolvido neste artigo, ao considerar que foi selecionado um determinado momento da pesquisa para ser abordado: três datas da etapa prática do trabalho feitas em 2019, ou seja, a observação dos alunos durante a aplicação de questionários em três escolas da região metropolitana de Porto Alegre, cujo conteúdo foi elaborado a partir do problema e das hipóteses iniciais da pesquisa. As perguntas desenvolvidas para os questionários intencionaram “captar” as visões dos alunos sobre o conceito de arte e suas relações com a disciplina de arte, levando em consideração que as respostas poderiam tanto confirmar quanto refutar a hipótese inicial. O foco deste documento é o diálogo com os alunos realizado por meio de suas visões e vozes manifestadas no momento da aplicação dos questionários, em articulação com as reflexões de quem escreve o trabalho. Tais percepções podem somar ou complementar a tabulação de dados realizada a partir da coleta de informações, a qual não é abordada por completo neste documento para respeitar os limites do trabalho.

## 2.1 Escola A

A principal diferença da Escola A para a Escola B e a Escola C é que essa pertence a uma instituição privada, contando com um aporte financeiro que impacta positivamente a infraestrutura e as instalações físicas do espaço, assim como os recursos didático-pedagógicos ou as amplas oportunidades de projetos de pesquisa e estudo oferecidas aos alunos. Por outro lado, as regras e controles mostram-se maiores.

A disciplina de arte não é ofertada durante todo o Ensino Médio, então os alunos do 3º ano do Ensino Médio que responderam às perguntas do questionário já não tinham em suas rotinas aulas de arte e escreveram sobre suas experiências anteriores. O fato levanta hipóteses que levam a refletir sobre os motivos pelos quais a disciplina não é oferecida e as principais voltam-se para a questão do vestibular e do mercado de trabalho serem as preocupações essenciais e que geralmente surgem nessa etapa por parte dos alunos, dos pais desses jovens e da própria escola.

Quando se trata daquilo que é “útil” para o trabalho e/ou para a sociedade, a arte é deixada de lado por conta de visões que almejam o progresso material. Ainda assim, alguns alunos “protestaram” durante a aplicação dos questionários, afirmando que gostariam que a disciplina continuasse com eles até o fim do Ensino Médio. Nesse caso, como resposta à pergunta “Como você vê a disciplina de artes na escola?”<sup>2</sup>:

*“Eu vejo como algo que já é até certo ponto bastante trabalhado, mas que na chegada dos anos finais é deixada de lado. Na educação básica a escola trabalha os diversos aspectos da arte, já nos anos finais não existem mais aulas de arte. Para a escola artes é algo para ‘crianças’ podemos dizer” (Aluno/a sem idade informada do 3º ano do Ensino Médio da Escola A, 2019).*

Apesar disso, a escola também demonstra valorizar as artes, visto que a grade curricular dos alunos abrange aulas de Artes Visuais, Música, Teatro e História da Arte e conta com professores formados em cada área específica. Tais disciplinas não são extraclasse e fazem parte da

<sup>2</sup> Os gráficos e quadros, desenvolvidos a partir das respostas aos questionários aplicados nas escolas, foram organizados em categorias por meio de respostas, cujos conteúdos indicam aproximação de ideias. Caso contrário, seria impossível criar tais elementos, visto que todas as respostas contêm particularidades. Nesta seção, os textos dos alunos aparecem tal qual como foram escritos, adequando-se às demandas do presente subitem.

rotina dos alunos já há alguns anos. Uma das respostas à pergunta “Como você vê a disciplina de artes na escola?” confirma o exposto. Nas palavras do estudante,

*“Na instituição se percebe uma exceção, onde a disciplina e o lado criativo são muito valorizados, bem explorados e levados a sério. Em outras escolas que estudei, entretanto era mais uma ‘matação’. Não era passado muito conteúdo e se restringia a trabalhos de desenho sem tanto significado (apenas para dar nota)” (Aluno/a de 17 anos do 3º ano do Ensino Médio da Escola A, 2019).*

Os alunos deram bastante atenção aos questionários. O contraste em relação a essa escola privada e as duas escolas públicas participantes da pesquisa é que nessa os alunos demonstraram maior preocupação em preencher os espaços destinados às respostas. Assim, surgiram várias linhas de textos bem elaborados e também demonstrando que alguns conteúdos mais complexos são abordados em suas aulas, como as relações entre as demandas capitalistas e o trabalho do artista. O hábito da escrita mostra-se assim integrado à rotina da escola. Mesmo com essa diferenciação na atenção ao desenvolvimento das respostas, as ideias trazidas nos textos mostram-se ainda assim semelhantes às que foram reveladas nos retornos desenvolvidos em poucas linhas pelos alunos das escolas públicas. Afinal, são jovens e apresentam interesses em comum e também o imaginário em relação à arte se constrói no coletivo. Assim, por exemplo, a preferência pelo *funk*, o interesse rotineiro pelo acesso às redes sociais e a afirmação consistente de que a arte é uma forma de expressão, assim como a presença significativa de opiniões que dizem que existem disciplinas mais importantes do que a de arte, apresentam-se nas três escolas de maneira semelhante.

Os trabalhos de arte expostos nos corredores da instituição assemelham-se às atividades desenvolvidas nas demais escolas observadas. Na Escola A, transitei pelos aposentos sempre acompanhada por uma profissional e, ao passar por um saguão com os trabalhos dos alunos afixados nos expositores, não consegui parar e contemplar com calma tais imagens. Do que pude perceber rapidamente é que se tratavam de “cópias prontas” destinadas aos alunos para estes preencherem o interior das figuras com linhas feitas por canetinhas. Na aplicação dos questionários, muitos dos jovens relataram discordâncias com a professora de arte, as quais dialogam com a provável proposta dos trabalhos observados e que indicam exigir habilidades manuais que resultem em imagens atrativas aos olhos. Por exemplo, respostas à questão “Como você vê a disciplina de artes na escola?” dizem o seguinte:

*“Legal, mas a professora não é tão legal, ela avalia se você tem o dom ou não, e também acho que não precisa de 2 períodos de artes, tem coisa mais importante” (Aluno/a de 14 anos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola A, 2019).*

*“Acho que as aulas de música e história da arte, se destacam. Gostei de teatro também, porém foi pouco explorado. Sobre a disciplina de artes plásticas, na minha opinião, deixou a desejar e não foi algo saudável. Uma vez que, a avaliação é relativa e não se pode julgar a beleza de uma arte. Pois no meu caso, essas aulas não foram prazerosas, já que ao meu ver, não sou muito habilidosa neste tipo de trabalho manual” (Aluno/a de 17 anos do 3º ano do Ensino Médio da Escola A, 2019).*

Percebe-se que, em muitos casos, as exigências para desenvolver um trabalho belo ou que envolva habilidades manuais complexas partem do educador para o aluno e não são somente uma cobrança que o estudante faz para ele

mesmo. Nesse caso, são jovens que estão disponíveis para propostas que transgridam as noções de belo e de dom no campo da arte e da educação, como apontam seus retornos. Quando questionados se já ouviram opiniões como “*Não gosto da disciplina de artes porque não sei fazer nada bonito ou porque não tenho o dom*” e se concordam ou não com tais afirmações, responderam: “*Sim, pois a professora avalia se você tem o dom ou não, e não se você cumpriu com a proposta*” (Aluno/a de 14 anos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola A, 2019) ou então “*Concordo, pois muitas vezes os trabalhos entregues são avaliados pela beleza, não pelo esforço ou capricho. Então, a nota pode influenciar na autoestima do aluno, em pensar que não faz nada bonito*” (Aluno/a de 17 anos do 3º ano do Ensino Médio da Escola A, 2019).

Em todas as escolas em que fui recebida, conversei com a direção, com os professores e com os alunos sobre o meu projeto de pesquisa para contextualizar a minha presença e a importância da participação de cada estudante. Além disso, informei que estava disponível para o que precisassem, deixando meu contato nas três instituições. Na Escola A, após ser desde o início bem recebida, deixei a sala ao som de aplausos dos alunos e das docentes que os estavam acompanhando. O fato surpreendeu-me e me provocou a refletir sobre o motivo que levou os estudantes a manifestarem esse ato de aprovação, visto que a sensação de eu estar incomodando era frequente. Comumente, como diz Mastroberti (2016), quando surgimos para questionar “pedagogias já mortas”, somos moscas “zumbizando” os espaços destinados à educação, sendo inclusive alvo de inseticidas e mata-moscas. Nesse caso, houve aceitação e acolhimento, o que propicia trabalhos e pesquisas transformadoras.

## 2.2 Escola B

A Escola B é uma escola pública que, desde o meu primeiro contato, mostrou-se disponível para me acolher. Não tem as mesmas normas que a Escola A para receber pesquisadores, visto que o contexto e as demandas dessas instituições são diferentes. Na Escola B, os professores não foram previamente avisados sobre a minha presença. Apesar disso, não houve contratempos e as necessidades foram atendidas no momento em que eu fui entrando nos espaços e conversando com os funcionários, ou seja, tudo se resolveu “na hora”.

A primeira turma atendida foi a do 3º ano do Ensino Médio. Assim que eu cheguei na sala, a professora se ausentou e deixou-me sozinha com os adolescentes. Notei que ao lado de fora da janela havia um ninho com filhotes de passarinho sendo alimentados pela mãe. “*Perdi-me*” por alguns instantes observando a cena. Nunca havia visto tão de perto e em área urbanizada essa manifestação da natureza. Os alunos, conversando entre si, não pareciam perceber as aves. Fiquei me perguntando se eles já estavam acostumados com a presença daqueles animais ou se simplesmente não se importavam. A hipótese de que eles não haviam percebido os pássaros até surgiu, mas me pareceu impossível, já que a imagem chamava bastante a atenção. Momentos como esse fazem ressurgir os poetas:

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
 Não gosto das palavras  
 fatigadas de informar.  
 Dou mais respeito  
 às que vivem de barriga no chão  
 tipo água pedra sapo.  
 Entendo bem o sotaque das águas.  
 Dou respeito às coisas desimportantes  
 e aos seres desimportantes.  
 Prezo insetos mais que aviões.  
 Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.  
 Tenho em mim esse atraso de nascença.  
     Eu fui aparelhado  
     para gostar de passarinhos.  
 Tenho abundância de ser feliz por isso.  
 Meu quintal é maior do que o mundo.  
 Sou um apanhador de desperdícios:  
     Amo os restos  
     como as boas moscas.  
 Queria que a minha voz tivesse um formato de  
     canto.  
 Porque eu não sou da informática:  
     eu sou da invencionática.  
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.  
 (Barros, 2018, p. 25)

As relações entre arte e cotidiano, que também surgiram nas respostas aos questionários<sup>3</sup>, os acasos, as poéticas que podem ser estabelecidas com o que nos acontece, o exercício do olhar e do ver o que nos rodeia, as pausas e a beleza das coisas simples são importantes no âmbito que alia a arte e a educação. E, como salienta o poeta Manoel de Barros, não é preciso, para isso, grandes deslocamentos, já que “meu quintal pode ser maior do que o mundo” (Barros, 2018). Assim, com os artistas, os poetas e educadores, é possível exercitar a difícil tarefa de fotografar o silêncio.

Voltando à sala de aula, os alunos conversavam sobre a prova do Enem<sup>4</sup> realizada no dia anterior. O destaque do diálogo estava na redação, cujo tema era democratização do acesso ao cinema no Brasil. Os jovens falavam sobre a dificuldade em escrever o texto e avaliavam que, se não zerassem a atividade, já seria um considerável ganho. Sabe-se que esse não é um problema exclusivo dos adolescentes dessa escola. Gabriel Grabowski (2019, p. 37-38), ao escrever sobre o déficit do Brasil na

educação dos jovens, aponta o seguinte:

Nosso país tem 10 milhões de jovens que não estudam nem trabalham, geração “sem escola, sem trabalho”. Quase 30% deles não completaram o ensino fundamental e a taxa líquida de conclusão do ensino médio é de apenas 50%. Dos aproximadamente 10,6 milhões de jovens entre 15 e 17 anos, 3,6 milhões estão retidos no ensino fundamental e, outros 1,6 milhões sequer estão na escola cursando o ensino médio. Os demais estão matriculados num ensino médio de baixa qualidade, a grande maioria em escolas públicas precarizadas, sem infraestrutura necessária para a aprendizagem, com professores mal-remunerados. Já, entre 18 e 24 anos, apenas 16% dos jovens conseguem ingressar no ensino superior, cuja oferta é majoritariamente privada e noturna.

Percebe-se que os contrastes existentes entre a Escola A e a Escola B e C são reflexos da situação exposta, visto que a primeira instituição é privada e as demais pertencem ao estado e enfrentam precarizações. A desigualdade social é um desafio em pauta no país e o ensino público de qualidade é ainda um direito a ser conquistado.

Nas três escolas, houve dificuldade para responder à seguinte pergunta do questionário: “Como você define a arte produzida nos dias de hoje?”. Nas ocasiões em que eu expunha algumas observações sobre arte contemporânea, os alunos expressavam em seus rostos sinais de estranhamento e/ou desconhecimento em relação ao assunto. Curiosamente, as duas salas dessa escola em que entrei para aplicar os questionários tinham uma parede

<sup>3</sup> Ver Quadro 1 – apêndice.

<sup>4</sup> Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. O Enem é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Além disso, cerca de 500 universidades já usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo o vestibular (Brasil, [2023?]).

grafitada ao fundo, e os alunos não pareciam associá-la à questão em pauta. Até que, em dado momento, uma aluna perguntou se grafite é arte contemporânea. Estabeleceu-se assim uma maior aproximação entre eles e o conceito da imagem presente ao fundo da sala. A manifestação artística contempla o espaço, enquanto os estudantes são obrigados a se sentar de costas para ela, dando atenção à lousa que tradicionalmente serve de base para palavras e números.

No período da tarde, entrei na sala do 9º ano do Ensino Fundamental. O responsável pelos alunos daquele período permaneceu no espaço durante a aplicação dos questionários. Coincidentemente, era o professor da disciplina de arte, o qual é formado no curso de teatro. Estava chovendo e os alunos foram chegando aos poucos. No momento de responder as perguntas do documento, muitos deles demonstraram indiferença e/ou dificuldade. Havia um grupo sentado ao fundo da sala que não estava nada preocupado em colaborar. Eu não poderia obrigar ninguém a escrever, visto que eu estava interferindo na rotina da escola e a participação dos alunos era voluntária. A atividade “não valia nota” e a maior beneficiada do trabalho, ao menos a curto prazo, era eu. Mesmo conversando com esses alunos em suas mesas, eles não responderam quase nada. Ainda assim, suas impressões foram deixadas nos documentos, afinal, o silêncio também é um discurso. As poucas questões que eles responderam foram as de assinalar com um xis. Percebi que na última questão<sup>5</sup>, a qual pergunta se uma determinada imagem “é arte” ou “não é arte”, esses estudantes em discussão marcaram que todas as figuras “são arte”, porém eles não pareciam estar conscientes do que estavam fazendo, como se estivessem marcando apenas

por supor que deveria “ser arte” ou então “marcando por marcar”. Essa observação aponta que nem toda interpretação ou análise de uma situação é totalmente fiel, pois não se sabe de fato as intenções ou pensamentos das pessoas envolvidas. Muitas vezes, os alunos respondem aquilo que eles supõem ser “o certo” ou aquilo que eles imaginam que o professor quer ouvir/ler. Não foi possível escapar dessa situação, mesmo eu explicando que as respostas não seriam corrigidas, que não havia certo ou errado em suas afirmações e que era importante escrever aquilo que eles realmente pensavam e ainda o retorno poderia vir simplesmente com um “não sei”. Salienta-se que, quando se trata de pesquisas que envolvem seres humanos, inconsistências são normais e previsíveis. Aliás, todo o trabalho está sujeito a isso, visto que é feito por uma pessoa cujo olhar sobre o fato pode conter acertos ou desvios.

Os espaços em branco, a preferência por responder apenas as perguntas “de marcar”, as frases curtas ou os retornos objetivos por meio de uma única palavra podem revelar tanto a já discutida precarização do ensino ou até mesmo os reflexos da pós-modernidade. A tecnologia progressivamente permite resoluções por meio de um “clique” e traz a velocidade da informação. A efemeridade se faz presente cada vez mais nos diversos âmbitos da vida. Assim, apesar dos benefícios oferecidos por essas inovações, aquilo que necessita de uma maior atenção pode parecer desinteressante. Essas são apenas duas possibilidades que podem estar envolvidas com o fato observado, pois não se deve ignorar outras questões e que podem estar no domínio da subjetividade.

Uma menina chegou ao final do período, o que a impossibilitou de responder as perguntas do questionário. Ela mostrou-se curiosa em relação à

<sup>5</sup> Ver apêndice, gráficos 1, 2, 3 e 4.

pesquisa e eu expliquei brevemente o meu projeto. A aluna me informou gostar da disciplina de arte. Ainda, disse que “*não sabe desenhar*”, mas que gosta de fazer linhas. Eu perguntei se suas linhas são retas ou tortas e ela respondeu que são retas. Após dar atenção a sua habilidade, mostrei a ela as linhas sinuosas de Teresa Poester<sup>6</sup> presentes na página final do questionário. A jovem validou o trabalho da artista ao concordar que também é uma forma de desenho, não sendo somente “riscalhada”. Ao mesmo tempo, a aluna insistia em dizer que tinha dificuldades para desenhar, deixando transparecer preocupações em relação ao desenho realista. Além disso, mencionou que havia na escola uma professora de português que também assumia a disciplina de arte. Ao relatar as aulas, percebi que as atividades oferecidas estavam voltadas para cópias de imagens ou desenho de observação. Lamentei o fato de ela não poder responder o questionário, visto que ela demonstrou interesse pelo assunto tratado. Por outro lado, a participação da menina deu-se de outra forma.

Nessa turma, especialmente, o teatro foi bastante mencionado nas respostas. Nota-se a influência do professor formado em Artes Cênicas, o qual leciona para esses alunos. Percebe-se assim que os retornos dos jovens estão de acordo com aquilo que eles têm acesso. À medida que os estudantes descobrem as diversas manifestações culturais, ampliam-se suas noções de arte.

### 2.3 Escola C

O calor marcou a data de aplicação

dos questionários na Escola C. Era um dia excessivamente quente para o mês de outubro e permanecer na sala de aula foi um desafio. A professora informou-me que a escola está com problemas no sistema elétrico há quatro anos, o que impossibilita ligar o ar-condicionado. Havia apenas um ventilador para toda a turma. Esse cenário aponta um descaso com os funcionários e alunos, visto que enfrentar cotidianamente longas horas de jornada escolar em um ambiente com altas temperaturas é prejudicial para a saúde, a atenção, a disposição e o bem-estar em geral de todas as pessoas envolvidas. Assim, é um problema de infraestrutura encontrado em muitas escolas públicas que afeta, conseqüentemente, as relações de ensino e aprendizagem.

A professora das turmas participantes da pesquisa, bem receptiva, aparenta ter meia-idade. Diferentemente da professora do período da manhã, que não tem formação na área, esta tem graduação em Artes Visuais, tendo concluído o curso no ano de 2008. A docente me informou que o foco de trabalho no 3º ano do Ensino Médio era o conteúdo de literatura em prol do vestibular. Ainda, disse que recentemente havia cancelado um projeto de maquete, pois a maioria dos alunos daquela escola utiliza ônibus e carregar o material nessas condições é difícil. Seus alunos estavam também estudando sobre a artista Tarsila do Amaral<sup>7</sup>: figura muito presente nos projetos da Educação Básica. Em continuação à nossa conversa, relatou-me considerar importante dar atenção à curiosidade dos alunos quando, por exemplo, eles mostram interesse por desenhos realistas. Conforme ela, esta pode ser uma oportunidade para trabalhar

<sup>6</sup> Ver *Letra c* – apêndice, gráficos 1, 2, 3 e 4.

<sup>7</sup> Tarsila do Amaral (Capivari, São Paulo, 1886 – São Paulo, São Paulo, 1973). Pintora e desenhista. Influenciada por vanguardas europeias, especialmente pelo cubismo, cria um estilo próprio, explorando formas, temáticas e cores na busca por uma pintura de caráter tipicamente brasileiro (Enciclopédia Itaú Cultural, 2023).

com as técnicas de perspectiva e esfumado. Contrariando as propostas mais tradicionais recém-expostas, mostrou-me imagens poéticas das sombras de estudantes, oriundas de um trabalho com fotografia e curta-metragem que ela estava realizando com uma turma distinta. Nas paredes da sala havia outra atividade mais aproximada com proposições contemporâneas: folhas de papel com pinturas de arte urbana que pareciam ser estudos para grafite em muros, os quais não descobri se permaneceram no papel como projeto ou proposta em si ou se realmente foram para as ruas. Em concordância com minha visão, a professora queixou-se que há profissionais formados em outras áreas de conhecimento que assumem a disciplina de arte e revelam, muitas vezes, ideias inconvenientes sobre a arte no contexto da educação.

O primeiro período ocorreu juntamente à turma do 3º ano do Ensino Médio. Semelhantemente à Escola B, muitos alunos não demonstraram interesse em responder as perguntas do questionário. Havia estudantes conversando, alguns mexendo no celular e até uma menina pintando as unhas. Os que escreveram no documento fizeram por meio de textos sucintos. Uma aluna me chamou em sua mesa para me dizer que detesta a disciplina de arte, mas que realiza as atividades por gostar da professora. Além disso, escutei por toda a sala comentários referentes à última questão do questionário e que zombavam dos trabalhos de Teresa Poester e Elida Tessler<sup>8</sup>, desconsiderando-os como trabalho de arte. Por outro lado, esses mesmos alunos marcaram no documento que as imagens são sim obras de arte. Como já discutido no cenário da Escola B, tal ato provavelmente está relacionado ao fato de que os alunos, muitas vezes, respondem aquilo que eles supõem que

para o professor é o correto.

O segundo período deu-se com o 9º ano do Ensino Fundamental, com quem a professora estava trabalhando um projeto de teatro. A sala também continha trabalhos expostos nas paredes, mas dessa vez pareciam atividades de perspectiva, muito semelhantes umas às outras, ou seja, havia um padrão de imagem para todos os alunos. Essa turma mostrou-se mais receptiva e interessada em responder, mesmo que por meio de poucas palavras. A professora comentou que esse comportamento, em geral, é parte do perfil das turmas. Assim, esses estudantes foram respeitosos e a atenção dada à pesquisa ocorreu por meio de suas características, seus jeitos de ser: diretos e velozes.

Em dado momento, os alunos começaram a demonstrar estranhamento em relação à pergunta “Como você define a arte produzida nos dias de hoje?”. Tentei explicar a questão, falando da arte que é possível encontrar no cotidiano, seja em museus, na internet, nas ruas, na mídia em geral. Trata-se de produções de artistas que conversam com os tempos atuais. Muitos estudantes pareciam realmente não compreender a pauta. Por outro lado, se esses jovens escutam música e assistem filmes, significa que já têm algo a dizer, porém só não tiveram essa percepção. Ainda assim, considero essa manifestação relevante, pois aponta que ainda se tem um trabalho importante a ser construído nas escolas, o qual deve considerar a aproximação dos alunos com a arte que já integra suas rotinas e outras mais distantes de suas realidades. Assim, solicitei que eles pensassem um pouco mais e, se realmente não encontrassem uma resposta, poderiam escrever sobre esse desconhecimento. Após minha explicação, um aluno levantou a mão e

<sup>8</sup> Ver *letras b e c* – apêndice, gráficos 1, 2, 3 e 4.

perguntou se Michelangelo<sup>9</sup> é considerado um artista atual e eu expliquei que não, pois ele pertence a séculos passados. Após, da mesma forma como ocorreu na Escola B, uma menina perguntou se grafite é arte dos dias de hoje e confirmei positivamente. Ainda, muitos demonstraram dificuldade em justificar na última questão as imagens que eles consideram arte e as que eles não consideram arte. Além disso, também houve preocupações em relação à pergunta “O que, para você, é arte?”, sendo que reafirmei que poderiam responder com um “não sei” caso não chegassem a uma conclusão. Nessa turma, os espaços em branco também se fizeram presentes no documento pela escolha de não preencher determinadas linhas.

Em todas as escolas, levei as imagens da última questão impressas em papel fotográfico, coloridas e em tamanho maior. A única escola que possibilitou a projeção das obras foi a Escola A. Assim, as figuras passaram pelas mãos dos alunos para que eles as observassem antes de elaborar suas respostas. Em um desses momentos, uma aluna do 9º ano me chamou em sua mesa para me perguntar se a letra c da questão 9<sup>10</sup>, o trabalho da Teresa Poester, é realmente arte ou se eu estava fazendo uma espécie de pegadinha com eles. Não coloquei legenda nas imagens propositalmente, pois no momento em que vissem cada figura com um título e um nome, saberiam que se tratava de arte. Assim, foi uma escolha consciente para não determinar previamente cada imagem como arte. Respondi à aluna que a ideia era eles manifestarem suas percepções sem se preocuparem se a resposta estava “certa” ou “errada” e, também, expliquei as

mesmas motivações aqui expostas sobre não colocar identificação nas figuras. Essa é uma confusão que preocupa não só alunos da Educação Básica como também críticos de arte. Danto (2018), por exemplo, expõe que a arte contemporânea causa estranhamento porque ela pode ser composta por objetos banais que em outras ocasiões não são considerados arte. Desse modo, não só os rabiscos de Teresa Poester causaram dúvidas nos alunos como também os prendedores de roupa de Elida Tessler. Isso porque “os critérios tradicionais não mais se aplicam” (Danto, 2018, p. 17) e “tudo é possível atualmente para as artes visuais” (Danto, 2018, p. 18). Isso explica o fato que levou muitos alunos (concordando ou não) a responderem nos questionários que as obras de Poester e Tessler são sim obras de arte. Por outro lado, eles tiveram dificuldades em justificar a resposta. Afinal, “tudo pode ser arte”, mas não se sabe ao certo definir o porquê. Esse contexto faz pensar sobre o futuro da arte e as surpresas que vêm pela frente, visto que os critérios se modificam de tempos em tempos. O conceito e a prática estão interligados, já que “uma definição filosófica da arte que possa ser defendida deverá ser compatível com qualquer arte que exista” (Danto, 2018, p. 19). Questões como essas nunca levam a um consenso, porém são importantes para movimentar o pensamento tanto dos alunos da Educação Básica quanto dos profissionais relacionados ao sistema da arte.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a pós-modernidade e suas demandas permite pensar o papel atual da disciplina de arte aliada com a

<sup>9</sup> Michelangelo (1475-1564) foi um pintor, escultor e arquiteto italiano. É considerado um dos maiores representantes do Renascimento Italiano. "Pietà", "O Juízo Final", "Moisés", "Davi" e "A Abóbada da Capela Sistina" são algumas das obras que eternizaram o artista (Frazão, [2023?]).

<sup>10</sup> Ver apêndice, gráficos 1, 2, 3 e 4.

visão contemporânea de arte e de educação para renovar, sempre que possível, aquilo que não é mais suficiente.

A pesquisa se constrói em um caminho projetado, porém imprevisível. As próprias conclusões de um trabalho devem ser consideradas, de certa forma, provisórias. Nesse caso, é importante encará-las como considerações para o momento em que se finaliza uma etapa, mas, ao mesmo tempo, estas podem servir como ponto de partida para novos caminhos e descobertas.

A ideia de movimento aliado à pausa define um trabalho comprometido com as demandas pós-modernas. Como exemplo, a dissertação que origina este recorte parte da hipótese de que a disciplina de arte é ainda carregada de valores gregos e renascentistas relacionados ao conceito de belo. Retornos diversos surgiram por meio da aplicação dos questionários e, dentre estes, há os que confirmaram a proposição inicial, mas, também, há os que apontaram uma coexistência de concepções distintas. Quando surge o conceito de belo, percebe-se que este também não é homogêneo, podendo apresentar diferentes facetas. Desse modo, é possível trabalhar com as potencialidades e obsolescências da concepção em pauta. Assim, pode-se perceber que o belo tem muito a contribuir para a disciplina de arte, mas, também pode vir a ser problematizado quando este se revela constituído nos modelos ultrapassados.

O diálogo com os alunos atualiza quem são algumas das juventudes contemporâneas. Ainda que a pesquisa abranja apenas uma região específica, aponta uma parcela importante de jovens que se encontram na Educação Básica e que (se) descobrem ou ajudam a revelar novas informações quando podem narrar-se.

Quanto mais tempo e interesse se tem, mais se aprofundam os conhecimentos. No momento, o trabalho apresenta o

possível para uma pesquisa desenvolvida dentro dos limites do mestrado. Coletou-se e, assim, ampliou-se os dados culturais dos estudantes da região para que se possa trabalhar de forma mais aproximada com esse público. Desse modo, é viável pensar em como a disciplina de arte pode continuar contribuindo para a educação, visto que os alunos se transformam com o andar da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Enem - apresentação**. Brasília, DF, [2023?]. [Visualizar item](#)
- DANTO, Arthur C. **O abuso da beleza: a estética e o conceito de arte**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- FRAZÃO, Dilva. Michelangelo. **E-Biografia**, [S.l., 2023?]. [Visualizar item](#)
- GRABOWSKI, Gabriel. **A desconstrução do futuro: juventudes, reforma do ensino médio e retrocessos das políticas educacionais**. Porto Alegre: Carta, 2019.
- MASTROBERTI, Paula. O que somos? De onde viemos? Para onde vamos? **PIBID Artes Visuais UFRGS**, Porto Alegre, 15 ago. 2016. [Visualizar item](#)
- TARSILA do Amaral. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. [Visualizar item](#)

## APÊNDICE – Gráficos e quadros

Quadro 1 - O que, para você, é arte?

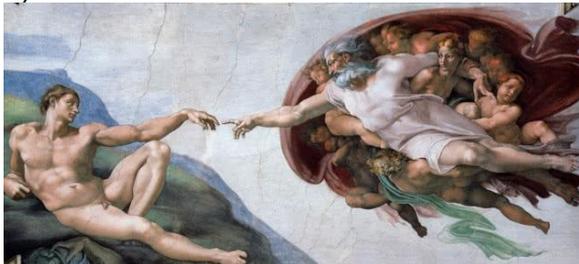
Respostas	Nº	%
Uma forma de expressão (de ideias ou sentimentos).	38	26
Aquilo que é feito por alguém para transmitir uma mensagem, fazendo pensar. Algo que promove um sentimento no próximo. Uma forma de instigar, gerar aprendizado e crítica.	16	11
Pintura, escultura, releitura, filme, música, desenho, teatro, fotografia, poesia, grafite etc.	14	9
Quase tudo a nossa volta é arte. Tudo utiliza arte.	13	9
É tudo aquilo que envolve criatividade/criação/imaginação.	10	7
É algo importante/interessante.	8	5
É cultura.	8	5
Uma maneira de representação.	6	4
Uma outra forma de ver o mundo.	5	3
Não sei.	5	3
Arte é vida.	4	3
Expressão de uma ideia, valor ou sentimento por meio da estética/do belo.	4	3
São todos os nossos talentos/dons.	3	2
É aquilo que você considera como arte.	2	1
Algo que envolve bastante trabalho e tempo.	2	1
Algo bonito, diferente e único.	1	1
Todos os trabalhos manuais.	1	1
Serve para divertir.	1	1
É desenho.	1	1
É um conhecimento de imagens.	1	1
Algo que não vou usar no futuro.	1	1
Não respondeu.	4	3
Total da amostra	148	100

Fonte: Elaborado pela autora.

Gráficos 1, 2, 3 e 4 - Dados resultantes da questão 9 do questionário

9. Observe as imagens e marque quais, na sua opinião, são trabalhos de arte e quais *não* são trabalhos de arte.

a)



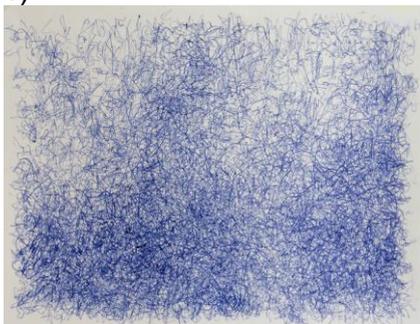
É arte.  Não é arte.  
Justifique sua resposta:

b)



É arte.  Não é arte.  
Justifique sua resposta:

c)



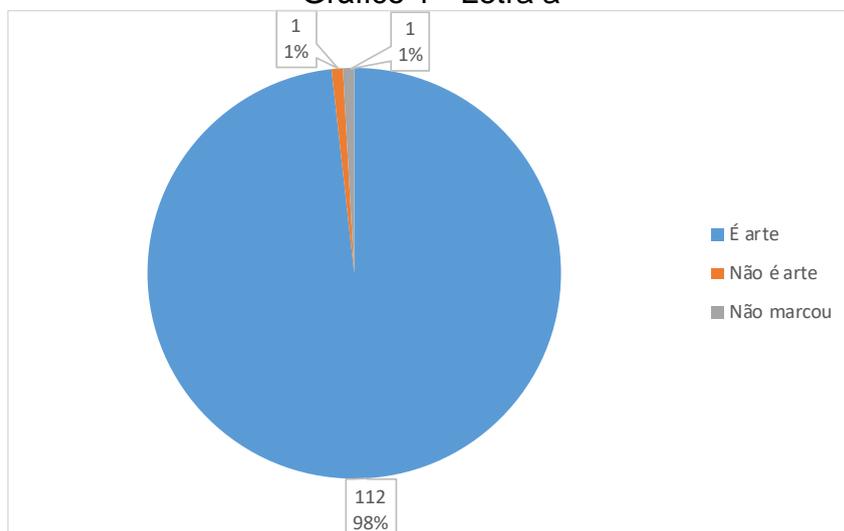
É arte.  Não é arte.  
Justifique sua resposta:

d)



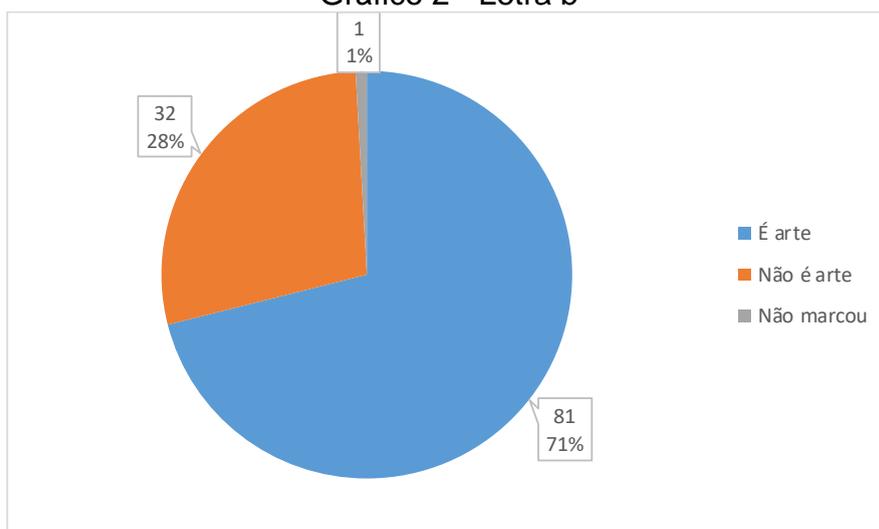
É arte.  Não é arte.  
Justifique sua resposta:

Gráfico 1 - Letra a



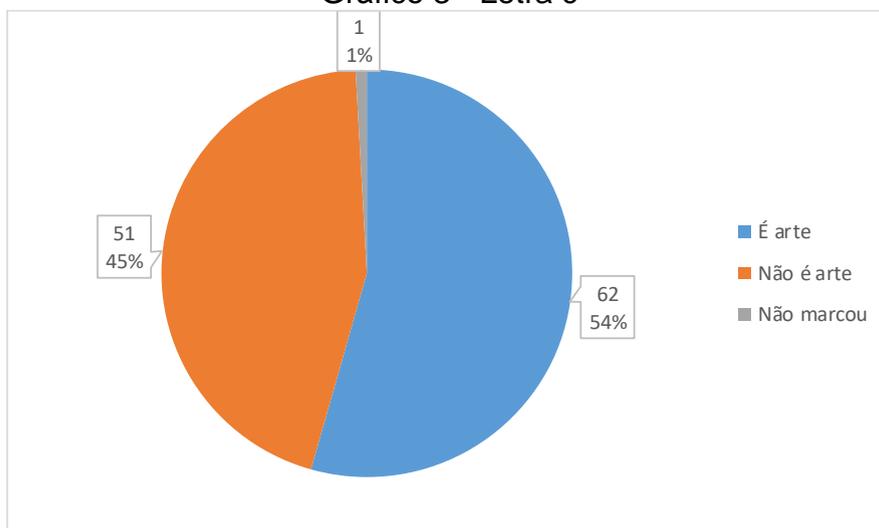
Fonte: Arquivo da autora.

Gráfico 2 - Letra b



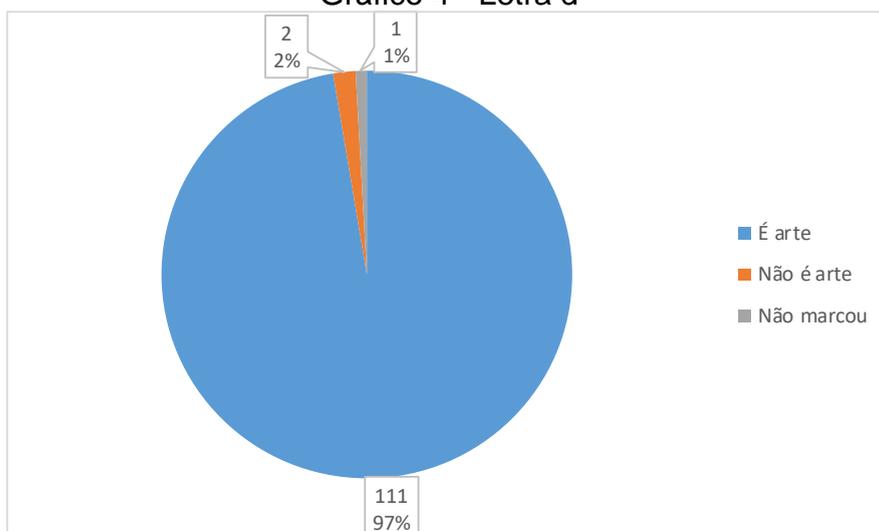
Fonte: Arquivo da autora.

Gráfico 3 - Letra c



Fonte: Arquivo da autora.

Gráfico 4 - Letra d



Fonte: Arquivo da autora.

Recebido em: 10/12/2023  
Aceito em: 10/06/202